

Notas Sobre Pensamento e Linguagem em Skinner e Vygotsky¹

Zilda A. P. Del Prette²

Almir Del Prette

Departamento de Psicologia Universidade Federal de São Carlos)

Resumo

No presente artigo compara-se e relaciona-se as abordagens de Skinner e de Vygotsky sobre as categorias pensamento e linguagem. Apresenta-se um breve resumo desses enfoques, procedendo então a uma análise de questões inerentes a convergências e divergências entre esses pesquisadores.

Palavras-chave: behaviorismo; interacionismo; linguagem; desenvolvimento cognitivo.

Notes about Thought and Language in the Skinner's and Vygotsky's Approaches

Abstract

This paper tempts to compare Skinner's and Vygotsky's theories on thought and language and their connection. The paper presents a brief summary of these perspectives, followed by a critique of convergences and divergences between these two researchers.

Key-words: behaviorism; interaccionism; language; cognitive development.

A análise da relação entre linguagem e pensamento, tal como abordada na Psicologia, remete aos pressupostos e premissas mais

¹Os autores agradecem aos Professores Dr. Sérgio V. de Luna, da PUCSP e Dra. Nancy V. Almeida, da UFSCar pelas leituras e observações; o que não nos isenta da responsabilidade pelas idéias aqui veiculadas. São, igualmente, gratos aos dois consultores anônimos desta revista, cujas críticas e sugestões contribuíram para tornar o texto mais consistente.

²Endereço para correspondência: UFSCar, Departamento de Psicologia, Via Washington Luiz, Km 235, Cx. Postal 13565-905, S. Carlos - SP

gerais pelos quais ela está sendo considerada. A diversidade de enfoques da Psicologia contemporânea pode ser tomada, de acordo com a Sociologia do conhecimento, como evidência de seu estágio pré-paradigmático (Kuhn, 1982) ou multiparadigmático³. Ao se admitir a coexistência de vários paradigmas permeando o campo epistemológico da Psicologia, torna-se importante, via de regra, contextualizar historicamente os sistemas, as teorias e os constructos de análise e, ao mesmo tempo, explicitar pressupostos epistemológicos em que se originam e se desenvolvem. Esses procedimentos contribuem para a reflexão crítica que pode reduzir a tendência à adoção de um ecletismo ingênuo⁴ como recurso de aplicação e de construção da prática psicológica e de seus fundamentos.

As categorias utilizadas e as análises efetuadas neste estudo não são novas nem originais e os autores estão cientes de que outros já "araram esse campo". Apenas esperam contribuir para esse debate porque, embora a literatura recente seja razoavelmente pródiga de trabalhos que buscam comparar e, em geral, identificar a abordagem psicogenética de Piaget à perspectiva sociogenética dos estudiosos soviéticos⁵, têm sido relativamente escassas as tentativas de contrapor essa segunda abordagem ao enfoque behaviorista⁶. Além disso, é

³A coexistência de modelos e teorias divergentes na Psicologia pode, conforme interpretação dada por Masterman (1979) ao conceito kuhniano de paradigma, ser também tomada como evidência de um estágio multiparadigmático no desenvolvimento de uma ciência. Certamente é discutível a aplicação dessa interpretação no caso da Psicologia, mas ela oferece uma alternativa para compreender a diversidade entre os enfoques predominantes e mesmo a multiplicidade de teorias que florescem a partir dos mais díspares modelos de homem e de mundo.

⁴Sobre o assunto, o leitor encontrará em Doise (1981), argumentos favoráveis à necessidade e à possibilidade de um certo tipo de ecletismo. Ver também Holzkamp (1977), cuja linha de raciocínio segue em outra direção.

⁵O leitor pode encontrar alguns desses exemplos em Doise (1985), Perret-Clermont (1978), Rocco (1991), Souza e Kramer (1991) e La Taille, Oliveira e Dantas (1992), entre outros.

⁶Entre estes, pode-se citar Lampreia (1991) que faz uma análise sobre o estatuto do cognitivo em Skinner, Piaget e Vygotsky e Blackman (1990) que analisa as idéias de Mead em relação às de Skinner e de Vygotsky.

possível inferir da maioria dos estudos, uma tendência a tomar as abordagens operante e sociogenética em oposição, ignorando-se a natureza de suas divergências e excluindo-se qualquer possibilidade de convergência entre as idéias nelas expressadas. Não se cogita, no entanto, forçar uma diluição das diferenças ou uma unificação entre esses enfoques, mas, tendo como eixo as categorias convergência e divergência, oferecer ao leitor um resumo e análise das posições de Vygotsky e Skinner sobre a relação pensamento-linguagem⁷. O presente artigo não se propõe a esgotar as possibilidades dessa análise, mas apenas a apresentar uma leitura possível das posições desses autores com base na bibliografia disponível em língua portuguesa, exceção feita a duas obras de Skinner (1973; 1978b), que embora em inglês, são também facilmente acessíveis.

O enfoque de Skinner

A essência do enfoque behaviorista situa-se na compreensão do funcionamento psicológico em termos de comportamento, concebido como um objeto de estudo sujeito às mesmas leis naturais das ciências físicas e biológicas. No entanto, a partir dessa premissa básica, encontra-se uma diversidade de perspectivas que se torna mais seguro falar de "behaviorismos", o que inclui, entre outros, o behaviorismo metodológico (de Watson, Thorndike, Hull), o behaviorismo radical (de Skinner e seus colaboradores como Keller, Schoenfeld, Holland) e as tendências cognitivistas no behaviorismo (de Bandura, Staats, Meichenbaum, Mahoney e outros).

Historicamente, o behaviorismo surgiu como uma reação ao introspeccionismo e às tendências mentalísticas da época, no estudo da

⁷Embora as expressões pensamento e linguagem estejam atualmente mais associadas às idéias de Vygotsky do que de Skinner, elas são tomadas, inicialmente, neste trabalho, em um sentido abrangente que inclui a posição dos dois autores. Mais adiante no texto, explicita-se a posição de Skinner sobre linguagem em termos de comportamento verbal e sobre pensamento em termos de comportamento.

consciência. Ao redefinir objeto e método da nova ciência, Watson descartou a consciência como objeto legítimo de interesse da Psicologia e defendeu o método do reflexo condicionado como base para a compreensão do funcionamento global do homem. A tarefa da Psicologia consistia em descobrir as associações estímulo-respostas que estariam na base da formação dos hábitos, emoções e instintos, já que estes se reduziam, em última instância, a respostas motoras e glandulares. O pensamento foi tomado como uma cadeia de movimentos imperceptíveis da língua e das cordas vocais (a fala subvocal) que nada mais representava que o enfraquecimento gradual da fala oral. Eles poderiam ser estudados e medidos através de instrumentos e metodologia científica pertinentes, a serem desenvolvidos pela Psicologia.

A vinculação entre pensamento e linguagem se mantém no behaviorismo radical de Skinner, porém sob uma perspectiva que não nega a existência de eventos privados embora questione a sua suposta natureza não física e o seu status enquanto categoria explicativa do comportamento: "o pensamento é apenas comportamento, verbal ou não, encoberto ou aberto (Skinner (1978a, p. 533). Não se trata, portanto, de uma rejeição ao estudo dos processos mentais, mas às tentativas de explicação que tomam as estruturas mentais como determinantes últimos do comportamento, como se essas entidades não precisassem, elas próprias, serem explicadas. Referindo-se a esses processos em termos de comportamento oculto ou de evento privado, Skinner aponta que

foi um erro ele [o comportamento oculto] ter sido negligenciado pelo behaviorismo metodológico e por certas versões do positivismo lógico e do estruturalismo, simplesmente por que não era 'objetivo'. Seria um erro também não lhe reconhecer as limitações. Ele está longe de ser um substituto adequado para as concepções tradicionais do pensamento: é simplesmente mais um comportamento a ser explicado (Skinner, 1982, p. 92).

Apesar de algumas semelhanças entre a abordagem de Watson e de Skinner, foram certamente as diferenças que garantiram, ao behaviorismo radical, a aceitação que obteve a partir da década de 50.

Enfatizando a noção de comportamento operante, mais do que de reflexo, Skinner se coloca a tarefa de desenvolver uma ciência psicológica, cujos objetivos de predição e controle, nos moldes das ciências naturais, estaria baseado em uma descrição funcional das relações entre o comportamento e seus determinantes ambientais. Essa posição (funcionalista, anti-estruturalista) tem sido interpretada como de negligência ou desconsideração aos processos mentais superiores que caracterizam o ser humano como tal. Skinner (1982) responde, argumentando que os comportamentos complexos estudados pelos behavioristas (discriminações, generalizações e abstrações envolvidas na aquisição de conceitos, descoberta e uso de regras, solução de problemas, etc) desmentem essa afirmação, com a vantagem de tomar a dianteira na investigação das contingências sob as quais ocorrem.

Defendendo o direcionamento de esforços no sentido de desvendar a relação funcional entre os eventos ambientais e os comportamentos (aí incluindo-se os indicadores de eventos privados), o pensamento, os processos mentais e, em última análise, a consciência, são tomados como respostas verbais encobertas (operantes verbais pré-correntes encobertos, como por exemplo, comportamentos tautuais e ecóicos) do organismo, de mesma natureza (física) que as respostas publicamente observáveis e, portanto, sujeitas às mesmas leis naturais que estas (Skinner, 1978a).

Embora restringindo o status dos eventos privados a produtos colaterais da história de interação do organismo com o ambiente, Skinner não descarta a importância da consciência sobre esses eventos na compreensão, predição e controle do comportamento:

Mas o autoconhecimento tem um valor especial para o indivíduo. Uma pessoa que se "tornou consciente de si mesma" por meio de perguntas que lhe foram feitas, está em melhor posição de prever e controlar seu próprio comportamento (Skinner, 1982, p.31).

A consciência, concebida então como um tipo particular de autoconhecimento, associado à capacidade de autodescrição das próprias respostas (abertas e encobertas) e de seus determinantes, seria um

produto das contingências estabelecidas pela comunidade verbal sobre o comportamento autodescritivo, podendo ser estudada⁸ via relato verbal (Skinner, 1970; 1982). Nesse contexto, a linguagem aparece, então, como o mecanismo social que medeia a transição do comportamento público para o privado. A comunidade verbal, ao estabelecer e ministrar contingências para a identificação e descrição de eventos privados, cria as condições para a aquisição e desempenho de comportamentos tradicionalmente entendidos como evidência de controle interno, como é o caso do comportamento criativo, da resolução de problemas, dos propósitos e intenções, etc.

O tratamento dado por Skinner (1978a) à linguagem constitui ainda uma crítica a abordagens correntes da época, que a tomavam no sentido de instrumento para expressar significados, pensamentos, idéias, proposições, emoções, necessidades, desejos, etc, do falante. Criticando a noção de significado enquanto propriedade da resposta ou da situação a qual uma palavra se refere, argumenta que o significado de qualquer comportamento, inclusive do comportamento verbal, é uma "propriedade das contingências responsáveis pela topografia do comportamento e do controle exercido pelos estímulos" (Skinner, 1982, p. 81). O termo contingência, na perspectiva behaviorista, não se refere apenas às condições ambientais (mesmo abrangendo o ambiente social, o intra-pessoal e o interpessoal) mas à relação, ou mais precisamente, à natureza da relação entre comportamento e ambiente. Assim, o significado deveria ser buscado nessa relação funcional, e não como propriedade da variável dependente (dimensão comportamental sob estudo).

Com base nessa linha de raciocínio, e como forma de evitar associações indevidas com as formulações tradicionais, Skinner opta por utilizar o termo comportamento verbal em lugar de linguagem e

⁸Muito embora Skinner defenda que os eventos privados encontram, no behaviorismo radical, o seu estatuto de objeto de investigação científica, via relato verbal, a sua posição não chegou a ser traduzida efetivamente em programas de pesquisa sobre esses eventos. Sobre esse assunto, o leitor poderá encontrar em Tourinho (1990) apontamentos e discussão valiosos.

procede à análise funcional dos diferentes operantes verbais (de mando, de tato, de ecóico, de ditado, de cópia, textual, intraverbal e autoclíticos que se diferenciam em função das contingências a eles associadas⁹.

Na análise behaviorista pode-se, portanto, identificar mecanismos pelos quais um indivíduo aprende o sistema lingüístico de sua comunidade verbal e também mecanismos pelos quais o indivíduo reage, ou seja, utiliza a linguagem em relação a outros e em relação a si mesmo (nesse último caso, o pensamento). Nessa perspectiva, o organismo é visto, simultaneamente, como ser que reage ao ambiente, modificando-se, e como ser que opera sobre seu ambiente, modificando-o. Em outras palavras, como agente e paciente das condições de seu contexto atual e histórico, com a oscilação entre esses dois pólos sendo em parte determinada pelo seu repertório de comportamentos (aí incluindo-se linguagem e pensamento), social e historicamente constituído e, no momento presente, constituinte desse contexto.

O enfoque de Vygotsky

O enfoque de Vygotsky sobre a relação entre linguagem e pensamento reflete o seu interesse, juntamente com colaboradores do início do século vinte¹⁰ em elaborar uma Psicologia que, coerente com

⁹A conceitualização de Skinner sobre linguagem e pensamento alcançou uma ampla utilização na Psicologia Clínica enquanto que a de Vygotsky obteve uma maior penetração na Psicologia Educacional e na Psicolingüística. Essas afirmações não significam qualquer negação de reconhecimento da influência exercida por esses pensadores em vários outros setores da atividade humana, incluindo-se a Psicoterapia, a Medicina, a Ergonomia, a Arquitetura e Urbanismo, etc.

¹⁰Embora tenha desaparecido muito cedo, Vygotsky deixou um material bastante significativo em termos de idéias e projetos, assumidos em grande parte por colaboradores mais diretos, que deram prosseguimento ao seu trabalho, entre os quais se destacam Luria e Leontiev. Estes, além de colaboradores de Vygotsky, apresentaram também uma produção científica com especificidades e preocupações próprias. Muitas pesquisas, tendo como base as idéias de Vygotsky, contribuíram para a divulgação de
(continued...)

os pressupostos marxistas e, sem descartar a consciência (também um conceito central no materialismo dialético), pudesse superar a dicotomia entre o determinismo reducionista do behaviorismo metodológico (de Watson e Thorndike) e o indeterminismo ou determinismo endógeno das correntes mentalistas e nativistas da época. Em outras palavras, tratava-se de elaborar uma teoria marxista do funcionamento intelectual humano, entendendo-se esse funcionamento e os processos mentais superiores que o caracterizam como produtos das condições sócio-históricas e materiais de existência, derivados das relações dos homens entre si e com a natureza (Vygotsky, 1984).

O que Vygotsky chama de processos mentais superiores refere-se àquelas ações de pensamento (raciocínio lógico, solução de problemas, etc), mediadas pela linguagem, que envolvem o controle consciente e deliberado sobre o próprio funcionamento intelectual, mas também a processos mais elementares que emergem da inserção cultural do homem, como a percepção, a atenção, a memória, a imaginação, etc.

As preocupações correntes na Biologia, na Psicologia (especialmente a comparada), na Sociologia, na Filosofia e na Antropologia da época, examinadas à luz do materialismo histórico, levaram Vygotsky a estabelecer os pressupostos de uma Psicologia da consciência, na qual estava interessado. Entre os pressupostos dessa Psicologia, Luria (1988) destaca o seu caráter *instrumental* (deveria assumir a natureza basicamente mediada de todas as funções psicológicas complexas); *cultural* (no sentido de centrar sua análise nos meios socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza as tarefas que a criança enfrenta em seu desenvolvimento, bem como nos instrumentos físicos e mentais que ela dispõe para dominar essas tarefas); e *histórico* (no sentido de buscar entender tanto a linha evolutiva do desenvolvimento ontogenético como a história social dos

¹⁰(...continued)

seu pensamento na então Psicologia Soviética e em outras partes do mundo. Ver, entre outros, Vygotsky, Luria e Leontiev (1988), Leontiev (1978, 1988), Luria e Yudovich (1985).

instrumentos que o homem usa para dominar o seu ambiente e para regular o seu próprio comportamento).

Focalizando as condições filogenéticas de emergência da consciência¹¹, marcada pela separação entre, de um lado, as funções mentais elementares, reguladas por leis naturais e comuns a todo o reino animal e, de outro, as funções mentais superiores características dos seres humanos, Vygotsky (1984) localiza na linguagem um dos instrumentos básicos, inventados pelo homem, para a organização e desenvolvimento do pensamento, que atende aos três pré-requisitos conceituais anteriormente referidos. Conforme as formulações de Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo se dá inicialmente na atividade do indivíduo sobre o ambiente social, mediada pelo uso de instrumentos e por processos mentais elementares (inteligência prática). Com a aquisição da fala, tem início a atividade do indivíduo sobre o psiquismo das pessoas e sobre o próprio psiquismo, mediada por signos, levando ao desenvolvimento dos processos mentais superiores (inteligência verbal).

A linguagem é vista, portanto, não apenas como um instrumento de comunicação social ou de expressão do pensamento, porém como o próprio meio pelo qual o pensamento passa a existir. Essa posição de Vygotsky representa uma leitura alternativa às conclusões de Piaget¹² quanto à fala egocêntrica. Com base na observação da linguagem infantil em situações estruturadas (variando a idade das crianças, o grau de automatismo da tarefa e criando obstáculos ou dificuldades), Vygotsky encontrou evidências de que a fala egocêntrica possui uma função reguladora do pensamento e que, ao contrário do que propunha Piaget, ela não desaparece, mas é internalizada, podendo ser recuperada em momentos críticos de uma atividade. Pela internalização, a criança assimila os instrumentos de pensamento e linguagem do seu contexto sócio-cultural, passando a usar consigo mesma aqueles que o seu ambiente usou em relação a ela.

¹¹Essa análise é feita por Alex Leontiev em "*O desenvolvimento do psiquismo*" (1978).

¹²Vygotsky (1987) faz referência ao trabalho de Piaget (1923) "*Le langage et la pensée chez l'enfant*".

Vygotsky conclui também que pensamento e fala têm origens diferentes, identificando uma fase pré-verbal do pensamento (equivalente ao pensamento sem imagem da escola Wuerszburg) e uma fase pré-intelectual da fala (com função meramente expressiva e comunicativa). Em um certo momento de desenvolvimento do indivíduo, quando este começa a nomear objetos de seu meio, a fala torna-se racional e o pensamento torna-se verbal. Ao tornar-se pensamento verbal (por volta dos dois anos de vida), a natureza do desenvolvimento cognitivo passa a ser regida por leis sócio-históricas. Vygotsky identifica, a partir daí, uma seqüência de estágios do desenvolvimento cognitivo, conforme o nível de organização da estrutura de conceitos do sujeito. Essa seqüência começa por um sincretismo inicial (das primeiras palavras até por volta de sete anos de idade) passando pela elaboração de "complexos" e "pseudoconceitos" até chegar aos conceitos verdadeiros ou científicos.

Embora abordada sob uma ótica diferente da de Skinner, a crítica à concepção corrente de significado é, também, um importante elemento das formulações de Vygotsky sobre a relação entre pensamento e linguagem. Tomando o significado da palavra como a unidade de análise dessa relação, contrapõe-se à tendência da Linguística e da Psicologia de sua época, de dissociar os aspectos semântico e fonético da palavra:

O significado da palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem que fica difícil dizer que se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento [...]. O significado da palavra é um fenômeno do pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que está ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa - uma união da palavra e do pensamento (Vygotsky, 1987, p. 104).

Criticando ainda a tendência de se abordar o significado sem qualquer referência ao desenvolvimento do indivíduo e à própria evolução da linguagem, os estudos de Vygotsky e seus colaboradores

levam-no a uma compreensão do significado da palavra que envolve, de um lado, o exame do referente ao qual ela se associa em dado contexto histórico-cultural (significado coletivo) e, de outro, o exame da forma como ela se organiza na estrutura conceitual do sujeito em dado momento de seu desenvolvimento ontológico (significado individual). Em outras palavras, assim como o significado social das palavras se altera ao longo da história da linguagem de um grupo cultural humano, assim também o significado individualmente atribuído se altera ao longo da experiência ontogenética de interação social do indivíduo com o seu ambiente histórico-cultural.

Os significados das palavras e a forma como eles se organizam na estrutura conceitual do sujeito ao longo de seu desenvolvimento onto e filogenético constitui a base da concepção de consciência de Vygotsky. Coerente com os princípios marxistas e rejeitando tanto a visão de consciência como epifenômeno, quanto a teoria idealista clássica que a toma em termos de qualidade subjetiva primária, a consciência, em Vygotsky, é um sistema estrutural com função semântica que, reflexo da realidade objetiva, diferencia-se ao longo do desenvolvimento ontogenético, assumindo funções progressivamente mais complexas na regulação das ações humanas. A função da consciência, inicialmente de controle voluntário de movimentos, vai se diferenciando no sentido de "habilitar o organismo a encontrar seus propósitos, a analisar a informação que chega e a armazenar seus traços" (Vygotskii, Luria e Leontiev, 1988, p. 196) implicando, em seus níveis mais elevados, na "consciência de estar consciente" (Vygotsky, 1987, p.78).

A análise que Vygotsky faz da transição dos conceitos espontâneos (complexos e pseudo-conceitos, de estruturação hierárquica incipiente e marcados pela experiência concreta) para os conceitos científicos (enquanto sistema de estruturação e sistematização hierárquica crescentemente abstrata, que comporta níveis mais elaborados de subordinação e supraordenação) ilustra o papel atribuído a esse ambiente sócio-cultural e, mais particularmente, à educação formal, veiculada pela escola, em fornecer instrumentos de sistematização conceitual pelos quais o indivíduo reestrutura seus conceitos

cotidianos ao mesmo tempo em que modifica e amplia a sua compreensão da realidade. Os estudos de Vygotsky, Luria e Leontiev (1988), sobre as diferenças culturais no pensamento, também evidenciaram a influência da escolarização formal sobre o desenvolvimento dos processos mentais superiores do indivíduo e do próprio contexto social em que ela se encontra. Assim, a escolarização formal, enquanto veículo de socialização do conhecimento acumulado, constitui, simultaneamente, um produto histórico-cultural que reflete aspectos do desenvolvimento filogenético, e um fator histórico-cultural, que influi sobre o desenvolvimento ontogenético.

Algumas divergências e convergências

A partir dessa descrição parcial dos dois enfoques, pode-se estabelecer alguns pontos de convergência e de divergência na forma como os autores considerados abordam a relação entre pensamento e linguagem, que remetem necessariamente aos pressupostos filosóficos subjacentes a cada enfoque, ao peso que atribuem a fatores ambientais e biológicos e aos interesses que orientaram as suas investigações no campo da Psicologia.

Pode-se identificar, em Vygotsky e em Skinner, a preocupação pragmática de intervir sobre o funcionamento psicológico, seja com finalidades mais restritas de adaptação do indivíduo ao meio, seja com a finalidade de produzir mudanças na estrutura social¹³. Essas preocupações estão intimamente ligadas a uma ênfase sobre o ambiente social e, em particular, sobre a comunidade verbal. A dimensão

¹³Embora não na mesma perspectiva historicista de Vygotsky, Skinner se revela, em vários de seus trabalhos (1973, 1978b), preocupado com mudanças sociais. Ambos os autores se contrapõem na visão de homem subjacente a suas construções teóricas e, também, em seus projetos de sociedade. Em Skinner, à Psicologia, em particular à Análise Experimental do Comportamento, estaria reservada uma destinação especial na organização e planejamento cultural, como uma condição importantíssima, senão fundamental, à sobrevivência da humanidade. Na visão de Vygotsky, a Psicologia, ao nível de outras Ciências, atuaria como coadjuvante do esforço do materialismo dialético na renovação constante da sociedade e do homem em busca do comunismo total, síntese da conquista do aperfeiçoamento da sociedade.

funcionalista¹⁴ subjacente a ambos os enfoques é bastante evidente, embora a de Vygotsky seja orientada por uma perspectiva marxista que qualifica e situa histórica e culturalmente esse ambiente.

Tanto Skinner como Vygotsky entendem a função primeira da linguagem como um recurso de comunicação e troca social, mas Skinner reduz a fala a uma contextualização mais imediata e perde, na análise, o sentido dos significados historicamente determinados. Essa perda se traduz em níveis diferentes de aproximação à Lingüística e à Psicolingüística. Ao rejeitar a noção corrente de significado¹⁵ e tomar o comportamento verbal em termos mais molares (pelo menos em relação à unidade palavra), a posição behaviorista afastou-se da Lingüística e da Psicolingüística. Já Vygotsky, ao contrário, ao tomar o significado como ponto de partida de sua abordagem aos processos mentais superiores, volta-se para questões de ordem estrutural, de articulação entre semântica e fonética, de evolução histórica dos significados, etc, que estavam mais próximas dessas ciências, trazendo contribuições que exercem hoje uma influência marcante nos estudos dessas áreas.

A preocupação de Vygotsky com o desenvolvimento onto e filogenético da linguagem e do pensamento leva-o a focalizar aspectos morfológicos da evolução dos conceitos na consciência do sujeito bem como a evolução histórica do significado social das palavras. Já em Skinner não se identifica qualquer preocupação explícita com o desenvolvimento cognitivo, mesmo porque o desenvolvimento pode ser concebido, sob a ótica behaviorista, como uma ampliação qualitativa e quantitativa (nível de articulação de respostas moleculares em comportamentos molares e maior controle do comportamento por respostas encobertas, por exemplo) do repertório do sujeito, ampliação

¹⁴ A orientação funcionalista, com base no positivismo clássico, é fundamental na elaboração da Psicologia skinneriana. No caso de Vygotsky, embora tido como funcionalista e desenvolvendo uma Psicologia de base experimental, pode-se dizer, conforme Bruner (no prefácio da tradução inglesa de *Pensamento e Linguagem*) que o mesmo transcende essa orientação.

¹⁵ É importante assinalar, no entanto, que o papel do significado na autoprodução de regras vem sendo discutido e revisto na abordagem behaviorista, com implicações para a própria definição skinneriana de comportamento verbal. Ver Capovilla (1991).

esta que ocorre através da aprendizagem. A questão das características desse processo de mudança, em termos de etapas ou tendências universais é tornada secundária, em prol do interesse pelos processos básicos de interação organismo-ambiente, subjacentes a tais mudanças.

Em geral, no entanto, pode-se identificar, na análise de Skinner sobre o comportamento verbal, uma gradação na passagem de níveis mais elementares de comportamento verbal encoberto (comportamentos de tato e intraverbais envolvidos em abstrações e generalizações simples) a níveis mais complexos (intraverbais e autoclíticos envolvidos no raciocínio dedutivo, na solução de problemas, na análise e uso de regras), em ambos os casos envolvendo a mediação de respostas e estímulos - também verbais - produzidos pelo próprio indivíduo e que têm suas origens na história de interação do indivíduo com o seu ambiente lingüístico. Visto por esse ângulo, o enfoque behaviorista sobre as articulações entre pensamento e linguagem se aproxima do enfoque de Vygotsky embora careça da dimensão histórica, na análise de sua filogênese, e da dimensão construtivista, na análise morfológica de sua ontogênese. Por outro lado, entretanto, ele busca identificar mecanismos mais moleculares pelos quais ambiente e indivíduo interagem, via comportamento verbal, o que parece constituir uma lacuna nas formulações de Vygotsky.

Embora Skinner (1978a) estabeleça que "Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, são por sua vez modificados pelas conseqüências de suas ações" (p. 15), parece, ao longo de sua obra, reduzir a expressão "mundo" para o contexto imediato das relações interpessoais entre os indivíduos e entre estes e as agências controladoras. A sua ênfase na análise das regularidades envolvidas no contexto de interações diádicas ocorre, de certa forma, às expensas de uma análise histórico-cultural. Considerando o contexto presente dos estímulos discriminativos e das conseqüências imediatas como fator primordial na aquisição e manutenção dos comportamentos dos indivíduos, em detrimento da influência da história das relações entre sujeitos coletivos (por exemplo, os movimentos sociais) na busca de transformação das relações de poder - ele diria, das contingências - pode-se considerar a posição skinneriana como limitada às relações

interpessoais diádicas e, portanto representando o indivíduo com características mais adaptativas ao ambiente do que como agente de novas realidades sociais¹⁶.

Em relação à consciência, pode-se identificar, tanto em Vygotsky, como em Skinner, a tendência em associá-la à linguagem e em destacar sua gênese social. Eles diferem, no entanto, no papel que atribuem à consciência enquanto componente ou determinante das ações humanas. Para Skinner, a consciência - reduzida à capacidade autodescritiva - representa um epifenômeno ou, no máximo, mais um elo da cadeia de determinantes que leva ao comportamento, minimizando sua utilidade na compreensão desse comportamento. Para Vygotsky e seus colaboradores, a consciência envolve habilidades e processos que constituem a própria base da auto-regulação da atividade humana e que conferem sentido e intencionalidade a essa atividade. Pode-se afirmar que os pressupostos epistemológicos de Vygotsky abrem maior espaço para a análise de estruturas e processos mentais, em articulação com processos sócio-históricos, permitindo atribuir uma função mais decisiva à consciência enquanto constructo teórico, o que, na perspectiva de Skinner, poderia se tornar contraditório com as premissas das quais ele parte.

As divergências epistemológicas entre a abordagem behaviorista e a sócio-interacionista parecem ter levado, pelo menos nos trabalhos de Skinner e Vygotsky, a níveis de análise diferentes sobre a relação do homem com seu ambiente. Elas apontam para a necessidade de esforços no sentido da superação de reducionismos a-históricos (Skinner) e da identificação e compreensão de mecanismos e processos mais moleculares que forneçam estofa às análises sócio-históricas (Vygotsky).

O prestígio que algumas tendências conceituais obtêm na Psicologia, em diferentes momentos de sua história, pode levar a uma aceitação pouco crítica de premissas e teorias ou a uma rejeição apressada de outros referenciais, conduzindo a um processo de

¹⁶ "A ordem necessária no determinismo histórico de Karl Marx está nas contingências..."; "O ambiente social é o que chamamos de cultura. Esta modela e mantém o comportamento dos que nela vivem" (Skinner, 1983, p. 107 e 108, respectivamente).

reificação do conhecimento enquanto verdades supostamente perenes. A vocação histórica da Psicologia para a fragmentação teórica (multi ou pré-paradigmática), impondo decisões epistemológicas e metodológicas, pode ser um campo fértil a modismos que pouco contribuem para o avanço da Psicologia. Tal risco poderia ser minimizado tanto pelo reconhecimento da provisoriidade do conhecimento (premissa central da dialética marxista) quanto pelo exercício sistemático de análise comparativa, o que torna, portanto, cada vez mais necessárias as tentativas de identificar e contrapor pontos de convergência e divergência entre conhecimentos e idéias produzidos sob diferentes perspectivas, mesmo correndo-se o risco (assumido pelos autores deste trabalho) de um nível insuficiente de aprofundamento na perspectiva dos defensores de uma ou outra abordagem sob análise. Não se trata, porém, de uma busca de unificação. A tendência à diversificação teórica na Psicologia pode se constituir de vetor produtivo quando se reconhece que o alcance futuro de cada abordagem depende da relativização de seu potencial de contribuição no momento histórico em que ela se constitui. Assim, o exame das divergências e convergências entre abordagens pode contribuir para o reconhecimento do valor heurístico dessa diversidade, pois longe de anulá-la, acaba por situá-la em dimensões mais realísticas.

As divergências e convergências entre os dois enfoques quanto à relação pensamento-linguagem certamente não se esgotam nas considerações anteriores, nem constituem o único eixo de comparação. As possibilidades analíticas com base na contraposição desses enfoques deverão envolver ainda novos esforços de reflexão, especialmente quanto ao grau de comprometimento das evidências empíricas com a base epistemológica na qual elas foram produzidas (e vice-versa) bem como quanto aos possíveis princípios mais gerais pelos quais elas poderiam ser examinadas.

Referências

- Blackman, D. (1990). Radical behaviorism: Biological and social science. *Anais da XX Reunião Anual de Psicologia*, 281-287.
- Capovilla, F. C. (1991). Redefinindo o comportamento verbal: Hayes versus Skinner. *Anais da XXI Reunião Anual de Psicologia*, 354-358.
- Doise, W. (1981). Mudança em Psicologia Social. Em A. F. Barroso, B. M. Silva, J. Vaía, M. B. Monteiro e M. H. Catarro (Orgs.), *Mudança social e Psicologia Social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Doise, W. (1985). Le developpement social de l'intelligence. Em G. Mugny (Ed.), *Psychologie Sociale du developpement cognitif*. Bern: Peter Lang.
- Kuhn, T. S. (1982). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Holzkamp, K. (1977). Pressuposto antropológicos ocultos na Psicologia Geral. Em H. G. Gadamer e P. Vogler (Orgs.), *Antropologia psicológica*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- Lampreia, C. (1991). Aquisição da linguagem e o estatuto do cognitivo em Piaget, Vygotsky e Skinner. *Anais da XXI Reunião Anual de Psicologia*, 322-328.
- La Taille, Y.; Oliveira, M. K.; Dantas, H. (1992). *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus.
- Leontiev, A. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Leontiev, A. (1988). Uma contribuição à teoria do desenvolvimento infantil. Em L. S. Vygotsky; A. R. Luria e A. N. Leontiev. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (2a. ed., pp. 59-84). São Paulo: Moraes.
- Luria, A. R. (1988). Vygotskii. Em L. S. Vygotsky, A. R. Luria, e A. N. Leontiev. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (2a. ed., pp. 24-38). São Paulo: Moraes.
- Luria, A. R. e Yudovich, F. I. (1985). *Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Masterman, M. (1979). A natureza de um paradigma. Em I. Lakatos e A. Musgrave (Orgs.), *A crítica e o desenvolvimentos do conhecimento* (pp. 72-108). São Paulo: Cultrix: EDUSP.
- Perret-Clermont, A. N. (1978). *A construção da inteligência pela interação social*. Lisboa: Sociocultur.
- Piaget, J. (1923). *Le langage et la pensée chez l'enfant*. Neuchâtel-Paris: Delachaux & Niestlé.
- Rocco, M. T. F. (1990). Acesso ao mundo da escrita: Os caminhos paralelos de Luria e Ferreiro. *Cadernos de Pesquisa*, 75, 25-34.
- Skinner, B. F. (1970). *Ciência e comportamento humano*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília e Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências..
- Skinner, B. F. (1973). Answers for my critics. Em H. Wheeler (Ed.) *Beyond the punitive society - operant conditioning: social and political aspects* (pp. 256-274). San Francisco: W. H. Freeman and Co..

- Skinner, B. F. (1978a). *O comportamento verbal*. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo.
- Skinner, B. F. (1978b). *Reflections on behaviorism and society*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc.
- Skinner, B. F. (1982). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo.
- Skinner, B. F. (1983). *O mito da liberdade*. São Paulo: Summus.
- Souza, S. J. e Kramer, S. (1991). O debate Piaget/Vygotsky e as políticas educacionais. *Cadernos de Pesquisa*, 77, 69-80.
- Tourinho, E. C. (1990). Privacidade e linguagem: Nota sobre a distinção público-privado no behaviorismo radical skinneriano. *Anais da XX Reunião Anual de Psicologia*, 93-104.
- Vygotsky, L. S. (1984). *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1987). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S.; Luria, A. R. e Leontiev, A. N. (1988). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Moraes.

Recebido em 21 de março de 1995.

Aceito em 30 de julho de 1995.

*Quem lê **Psicologia: Reflexão e Crítica**
lê também **Arquivos Brasileiros de Psicologia**.*

Arquivos Brasileiros de Psicologia.

Pedidos e Assinaturas:

Imago Editora

Rua Santos Rodrigues, 201-A

20250-430 Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (021)293-1092 e FAX: 502-5435

✓ 45 anos a serviço da Psicologia